

Teoria do Conhecimento I – módulo 23

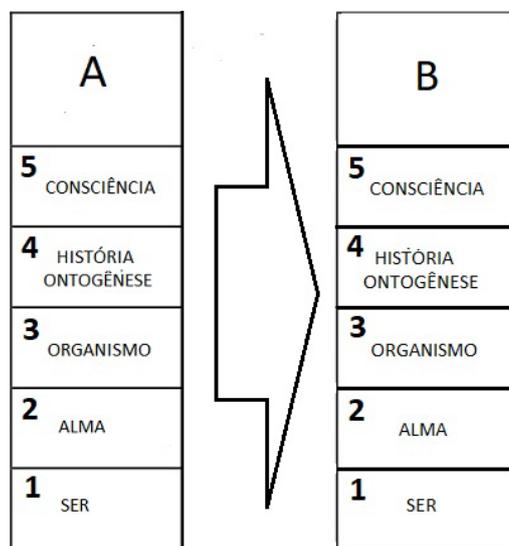
No módulo 22, destacamos a crucial importância da percepção do todo e, assim, concluímos a descrição geral do sujeito e do objeto. O modelo dimensional possibilitou descrição da consciência e descrição do objeto que revelam a mais plena comunhão de ambos, em uma mesma estrutura formativa essencial. Ambos são edificados pelo mesmo algoritmo da criação e, em razão disso, possuem compatibilidade estrutural assentada na instância mais íntima de suas constituições, assentada na estrutura ontológica que sustenta suas existências.

Essa compatibilidade estrutural que explica porque Parmênides entendia que ser e pensar são o mesmo evidencia que a relação entre consciência e objeto resulta perfeitamente possível e realizável, porque eles possuem base ontológica comum que os sintoniza. Essa sintonia é propiciada pela lógica do sujeito e pelo movimento existencial do objeto que são, em última instância, duas realizações ou manifestações da mesma coisa. Daí o ato inferencial ser capaz de perceber o movimento existencial.

A demonstração de ser a relação possível e a explicação do por que a relação é possível não explicam, porém, como, na prática, essa relação acontece. Não explica como uma ideia surge na consciência em decorrência do confronto do sujeito com o objeto. Tentemos, então, esclarecer isso.

Sabemos que, no plano objetivo do mundo, todo confronto é confronto entre totalidades, dado que, no mundo, apenas existem totalidades. Com isso, podemos retomar a Figura 05, já utilizada, que coloca frente a frente o sujeito A e o objeto B, e considerá-la uma representação de aplicação universal. Mesmo sabendo que o modelo indica haver sintonia lógica entre as cinco instâncias do sujeito e as

cinco instâncias do objeto, nível por nível, temos conhecimento e domínio confiável apenas das relações que ocorrem nos níveis 3 e 4, que são respectivamente os níveis do espaço e do tempo. Existem indícios de relações diretas entre consciências, que seriam relações diretas no nível 5, tais como transmissão de pensamento, mente a mente, mas o conhecimento disponível a respeito é muito precário e não se presta, ainda, para uso científico. Da mesma forma, existem indícios sobre a relação, no nível 2, entre a memória pessoal e outra – ou outras memórias – que não seriam privativas, mas, igualmente, o conhecimento disponível não admite consideração suficientemente confiável. Quanto às relações diretas entre seres, nível 1, nem mesmo especulações existem. Ao contrário disso, porém, as relações entre objetos que ocorrem no âmbito da



terceira e da quarta dimensão são bastante conhecidas. No espaço, ocorrem relações sistêmicas de causa e efeito e, no tempo, relações dialéticas de tese e antítese. Nos dois casos, os cinco sentidos orgânicos de percepção viabilizam relações especializadas sobre as quais a ciência já acumulou conhecimentos confiáveis. Observe-se que, no organismo, nível 3, os cinco sentidos orgânicos de percepção parecem repetir localmente a mesma estrutura pentadimensional da totalidade. Ainda não nos dedicamos a um exame mais detido desse fato para saber se existe alguma relação entre as cinco dimensões do todo e os cinco sentidos orgânicos, mas parece pouco provável que se trate apenas de coincidência quantitativa.

De qualquer forma, já sabemos que, em face de características que são próprias da instância, os sentidos captam estímulos provenientes do meio, já sabemos que esses estímulos são carregados para o sistema nervoso central através de um sistema nervoso e, também, que, no cérebro, esses estímulos geram estados de excitação neuronal. Ao que tudo indica, são esses estados de excitação que provocam o surgimento, na consciência, de interpretações e de entendimentos correspondentes, com o auxílio da experiência ou da memória e com o auxílio de uma linguagem.

Se essa descrição da ciência está correta, no que diz respeito ao percurso orgânico do processo de percepção, o modelo dimensional vai completar a descrição postulando que a passagem do cérebro para a consciência constitui movimento transcendental. Suportam essa tese três evidências: 1) a natureza das ideias, do entendimento e da consciência é diferente da natureza eletroquímica e biológica do cérebro e, como já vimos, a transição de uma natureza para outra requer uma transcendência; 2) de outro lado, sabe-se que o tratamento cerebral dos estímulos recebidos ensejam sinapses diversificadas que afetam regiões cerebrais mais ou menos extensas e, dessa forma, envolvem certa multiplicidade neuronal. Quando esse estado cerebral produz consciência, faz isso gerando uma unidade de entendimento, significando que uma multiplicidade original foi convertida em unidade de significado. Ora, como também já foi explicado, apenas um movimento de padrão transcendental possui capacidade para converter multiplicidade em unidade; 3) existe convicção, mais ou menos geral, de que o cérebro esteja intimamente relacionado com a consciência e que a consciência dependa do cérebro de modo decisivo. Ainda não se sabe se o cérebro gera a consciência ou apenas alimenta-a com as impressões que serão por ela convertidas em entendimento.

De qualquer forma, o modelo dimensional oferece caminho racional e percurso completo que se estendem do objeto até a consciência, passando pelos sentidos orgânicos de percepção e pelo cérebro, sem solução de continuidade e com esclarecimento das transições envolvidas, sem recorrer a passe de mágica algum no caminho e sem evidenciar qualquer obstáculo no percurso.